

QUINZE POEMAS DO LIVRO *A TERCEIRA ROMARIA*,  
DO POETA JOSÉ INÁCIO VIEIRA DE MELO

AVE

Uma prece desponta na poeira:  
neste defumador, bruma das almas,  
nessa cruz da paixão. É sexta-feira –  
falam no vinho em consoante flama.

Num cântico, tanger toda essa gente,  
adentrar as cancelas dos currais,  
e a prece, assimilada na tangente,  
erguendo templos, constrói capitais.

O chocalho dos deuses chama a ave:  
hora das trancas, bulício de chaves,  
e o menino deseja o leite santo.

Reconhece-se nessa procissão  
denso crivar da fome em profusão:  
longa é a fila aos peitos dessa santa.

## **BÊNÇÃO**

*Para Aloísio Vieira de Melo*

Meu pai,  
beijo suas mãos,  
não como um homem  
pretende beijar as de Deus,  
mas como uma árvore  
beija suas raízes.

## **BODAS DE SANGUE**

*Para Cristina Hoyos*

Que beleza é essa que tanto me incomoda?  
Que olhar de tâmara – sâmaras que se semeiam –  
transborda dos cântaros de tua íris?  
O que anunciam teus inquisidores e translúcidos olhos?

Tudo em ti é duplo, senhora do amor bruxo.  
De tuas mãos multiplicam-se os gestos e as bênçãos  
e com tuas mãos dizes mais que cem mil bocas juntas  
e essas mesmas mãos prenunciam a beleza de tuas ancas.

Mas mais do que tudo, o que impera em ti  
são esses milagres que são tuas tetas,  
dois punhais que a cada instante furam minha paz  
e que me ensinaram a amargar a verdadeira sede.

Ah Cristina Hoyos, deusa de Espanha,  
vem bailando em nuvens e em versos de Garcia Lorca,  
vem com teus punhais para a minha peixeira de 12 polegadas,  
pois as nossas bodas só podem ser de sangue.

## CAVALEIRO DE FOGO

*Sou de uma raça  
Que procede do fogo.*

*Não podereis calar-me.*  
**Carlos Nejar**

Neste lusco-fusco aprilino  
só enxergo o escarlate;  
e digo “fogo” e me inauguro,  
eu, filho do Sol.

Boneco de barro  
regido pelo verbo incandescente,  
me alimento com a força da água  
e caminho nos braços do vento.

Fogueira encarnada,  
dou testemunho dos meus dias:  
cicatrizes no lombo,  
na cara e pelos braços;

fogo no roçado,  
trinta e cinco brasas incendiando,  
torrando, apurando, purificando,  
lavando o rubi do coração.

Eu, boneco de barro,  
cozido nas labaredas do Sertão,  
recebo o batismo da estrela rainha:  
Ígneo – Ignácio – Inácio.

E um pássaro de prata,  
prende de encantos e de signos,  
vem me saudar com meu destino:  
cavaleiro, corcel e dragão.

## **CIÇO CERQUEIRO**

O meu é fazer cerca:  
cavar buraco, aprumar mourão,  
esticar arame com pé de cabra,  
apregar grampo nas estacas.

Em troca peço pouco:  
basta me dar leite azedo,  
rapadura, farinha e uma hora  
de sombra de pé de pau.

Precisa nada mais não!  
Me dê coalhada todo dia  
que eu cerco o mundo  
pros bichos não se perderem.

## **DO PENSAMENTO**

O mistério me leva à estrada  
e a estrada revela  
a poeira que sou.

O espanto me conduz à reflexão  
e a reflexão revela  
a peneira que sou.

## EPITÁFIO PARA GUINEVERE

*Cavalos já foram pombos  
de asas de nuvem.*  
**Domingos Carvalho da Silva**

Meus cavalos choram por ti, égua de olhos azuis.  
Não mais invadirei o vento montado no teu galope.

Que fique inscrito na tua lápide  
o verso de lágrimas dos meus cavalos.

Para tu, que trazias os céus dentro dos olhos,  
o relinchar da paixão pagã  
dos cavalos que trago dentro de mim.

## EXERCÍCIOS CRÍSTICOS

Eu sempre tive o desejo incontinenti de salvar o mundo,  
sempre escolhi por companhia os que não medem o tempo  
e andam para cima e para baixo a praticar cigarras,  
os que têm por fortuna o dia todo – todos os dias.

Sempre cri ser o redentor de toda miséria humana,  
então resolvi me coroar de espinhos  
e por trono escolhi o cravejar da cruz,  
tenho esse sorriso triste, essa lágrima de sangue.

Eu só acredito nas coisas que não vejo  
e sinto em cada estrela uma Madalena a luzir,  
e mesmo sabendo que Deus não existe  
em cada criança percebo a Sua Face esplendorosa.

Trago comigo todos os pecados do mundo  
e sou o cordeiro imolado que alimenta o delírio,  
por isso a glória e a humilhação do vinho:  
não é nada fácil ser juiz da própria loucura.

## GLÓRIA

Nem cerca de dez fios segura a cabra.  
A cabra não aceita doma nem redoma,  
ela sobe a pedra, vai para o alto,  
ela quer sempre a montanha.

A cabra – canindé ou humana –  
busca o pedestal, o pódio.

## LABIRINTO (O HOMEM DA ESTRADA)

*Para Vinícius de Moraes*

Não me ofereça o paraíso.  
Andar para cima e para baixo é o que quero.  
Esperar o dia parir o sol,  
sentir a minha pele tostar nas plagas dos sertões.

Não me ofereça o infinito.  
Quero o seixo da estrada.  
Dar o passo e levantar poeira – me confundir na poeira.  
Quero todas as formas e amanhã ser informe.

Sim, sei das topadas, dos calos, do estrume. Não me iludo.  
Mas sempre estarei pronto para me levantar.  
As cicatrizes contam histórias que gosto de escutar:  
me reconheço nelas, e choro e canto e fico feliz  
quando a lua estampa um sorriso na boca da noite:  
ali sou eu quem sorri.

Olho para o céu e vejo um caminho de estrelas.  
E além e além e muito além de todas as coisas,  
sonho que sou o seixo, a estrela.  
E assim sou uniforme.

## **LEITEIRO**

*Para Noel Vieira de Melo e Lourival Bezerra de Melo*

Ser leiteiro é chamar certo  
na mão firme, na munheca,  
deixar a tina escumando  
sem derramar nas beiradas.

Muitos ordenham as nuvens,  
deleitam-se na abundância  
da espuma branca, da nata,  
e têm as mãos de pelica.

Outros apascentam rochas  
e tiram leite das pedras,  
trazendo nas mãos os calos  
dos peitos brutos da brita.

Há, porém, os sem rebanho,  
que por não terem palavra,  
nuvem, nem pedra ou gado,  
vivem para se ordenhar:

insulsa masturbação,  
destempero verborrágico,  
revelando desespero  
invés de um êxtase orgástico.

Os verdadeiros leiteiros  
escrevem as alvoradas  
com a tintura sagrada  
dos peitos da vacaria.

## **PAZ**

Eu,  
que venho de tempestades,  
anuncio a calmaria.

A violência  
que existia em mim  
rasguei na bala.

## **PEDRAS AMOLADAS, FACAS ATIRADAS**

*Para João Cabral de Melo Neto*

Vai, poeta  
pega a xara  
e amola as tuas facas  
e de uma só cutelada  
desata a sangria

O olhar já é pétreo:  
Vai, tira o couro da poesia  
– não temas a carne trêmula –  
e inerva os teus versos

Vai, poeta  
com tuas facas  
destrincha a carne  
e nela passa o sal  
e estende-a ao sol

Então não é dessa  
carne seca que é feito  
o teu ritmo?

Vai, magarefe  
das palavras

Ah poeta  
apesar de tuas lâminas  
serem as mais afiadas  
é a pedra do rim  
que é  
pois com tuas pedradas  
descubro e descubro

Vai, poeta doido  
de pedra.



## SENTIDO

Os homens vinham e havia um caminho.  
Continuavam, e o prumo os esperava,  
e eles seguiam acreditando nisso:  
sempre rumar – sempre sempre sempre.

Os homens nunca chegavam a algum lugar,  
mas iam eternamente em busca de,  
pois não queriam nem suportariam  
entender a verdade do lugar nenhum.

## TOADA DA DESPEDIDA

*Para Antonia Torreão Herrera*

Certo, temos que ir.  
E quando damos o passo  
muito do que somos fica.  
Muito mais seremos.

Inevitável a única certeza:  
um dia a Derradeira vai lambar  
a tua boca, e já estarás  
habitando noutras plagas.

Não te aperreies, é assim mesmo:  
a despedida é a véspera do encontro  
(e o mundo – que nem peão –  
continua no arroteio, na ladainha).

Amanhã, quiçá, estaremos juntos  
nos favos de mel das europas  
ou no estrume das vacas leiteiras.  
Vamos cumprir as quadras da vida!